



New Trends in
Qualitative
Research



VOLUME 22 | Nº 2

DOI:

<https://doi.org/10.36367/ntqr.22.2.2026.e1288>

Raquel Marta

Data de Submissão: Março, 2025

Data de Avaliação: Março, 2026

Data de Publicação: Junho, 2026

GROUNDING THEORY: CRIATIVIDADE E COMUNICAÇÃO COMPLEXA

RESUMO

A investigação da realidade social, das interações humanas e das suas dinâmicas contextuais, espaciais e temporais requer um diálogo entre as dimensões objetiva e subjetiva do conhecimento. Das várias estratégias de pesquisa qualitativa, a *grounded theory* oferece a possibilidade de conciliar ambas as dimensões e interpretar as complexidades das experiências humanas e das realidades sociais através de uma metodologia indutiva e comparativa. Tal possibilidade não é alcançada sem desafios, uma vez que diferentes fatores, tais como as capacidades de observação e interpretação do investigador, com os seus próprios preconceitos e ideias pré-concebidas, estão incorporados na dinâmica da realidade ou interação a ser estudada. Este artigo começa por articular o contributo do pensamento complexo para as discussões sobre as dimensões ontológica, epistemológica e axiológica da *grounded theory*. Reconhecendo a natureza criativa do paradigma da complexidade, o artigo alonga o argumento ao lugar do gesto criador nos diferentes momentos metodológicos que a convergência entre a *grounded theory* e a complexidade tem para oferecer, proporcionando ao investigador uma maior liberdade para explorar a dinâmica da investigação. Em consonância com o processo de investigação sistemático, criativo e interativo subjacente à *grounded theory*, o artigo termina com uma breve visão geral dos métodos complementares de recolha de dados, integrando e fundindo a comunicação verbal e não verbal. Esta integração pode ser conseguida com a utilização de métodos audiovisuais, como a gravação de vídeo, promovendo a emergência de camadas adicionais de significado e uma compreensão partilhada mais profunda entre o investigador e o sujeito da investigação, aumentando assim a validade e a profundidade e facilitando a criação de conhecimento.

Palavras-Chave

Grounded theory; Pesquisa qualitativa; Comunicação não verbal; Pensamento complexo; Criatividade.

GROUNDING THEORY: CREATIVITY AND COMPLEX COMMUNICATION

ABSTRACT

Researching social reality, human interactions and their contextual, spatial and temporal dynamics requires a dialogue between the objective and subjective dimensions of knowledge. Among the various qualitative research strategies, grounded theory offers the possibility of reconciling both dimensions and interpreting the complexities of human experiences and social realities through an inductive and comparative methodology. This possibility is not achieved without challenges, since different factors — such as the researcher's capacities for observation and interpretation, along with their own biases and preconceived ideas — are embedded in the dynamics of the reality or interaction being studied. This article begins by articulating the contribution of complex thinking to discussions on the ontological, epistemological and axiological dimensions of grounded theory. Recognising the creative nature of the complexity paradigm, the article extends the argument to the place of the creative act across different methodological moments that the convergence between grounded theory and complexity has to offer, providing the researcher with greater freedom to explore the dynamics of inquiry. In keeping with the systematic, creative and interactive research process underlying grounded theory, the article concludes with a brief overview of complementary data collection methods that integrate and merge verbal and non-verbal communication. This integration can be achieved through the use of audiovisual methods, such as video recording, promoting the emergence of additional layers of meaning and a deeper shared understanding between the researcher and the research subject, thereby enhancing validity and depth and facilitating the creation of knowledge.

Keywords

Grounded theory; Qualitative research; Non-verbal communication; Complex thinking; Creativity.

1. Introdução

A investigação qualitativa parte do pressuposto fundamental de que a realidade social não se esgota no que é imediatamente observável ou verbalizável. Cada contexto, cada interação, cada história comporta camadas de significado que exigem do investigador uma postura de abertura epistemológica capaz de conjugar o rigor sistemático com a sensibilidade interpretativa. A investigação da realidade social, das interações humanas e das suas dinâmicas contextuais, espaciais e temporais requer, portanto, um diálogo entre as dimensões objetiva e subjetiva do conhecimento (Denzin & Lincoln, 2017) onde cada situação, cada história, cada olhar é ímpar. Observar, compreender e analisar tal olhar no campo da metodologia qualitativa pode ser alcançado no entrecruzamento do desafio intrínseco ao paradigma da complexidade com o pensamento criador através de um processo dinâmico, objetiva e subjetivamente criado à luz da inovação científica da *grounded theory*.

Neste enquadramento, o presente artigo tem como objetivo central explorar as possibilidades de convergência entre a *grounded theory* e o paradigma da complexidade de Morin, argumentando que tal convergência oferece ao investigador qualitativo uma maior liberdade criativa e metodológica. Em articulação com este objetivo, o artigo procura responder às seguintes questões orientadoras: *i)* de que forma o paradigma da complexidade pode enriquecer as dimensões ontológica, epistemológica, metodológica e axiológica da *grounded theory*? *ii)* como pode a criatividade ser operacionalizada nos diferentes momentos do processo de investigação qualitativa? *iii)* de que modo a integração da comunicação não verbal na recolha e análise de dados contribui para aprofundar a compreensão dos fenómenos sociais estudados?

2. Complexidade e Grounded Theory

Compreender a complexidade do mundo social implica atender à ponderação analítica do espectro de possibilidades convocada pelos quadros paradigmáticos em investigação, tanto na sua multiplicidade como na variedade de talhes que dão forma às abordagens por eles delineadas. Dando vulto a esta consideração, Guba e Lincoln (1994) enfatizam a importância de tentar alcançar uma inteligibilidade associada à apropriação subjetiva do conhecimento. Como fica claro na sua teorização, um paradigma respeita a um conjunto básico de crenças que oferece uma visão do mundo ao mesmo tempo que define a sua natureza e o lugar que a pessoa ocupa no seu interior. Assim, as possíveis interações entre esse mundo e as partes que o compõem orientam a ação apontando para matizados registos de conhecimento. O debate sobre o conceito de paradigma ilustra perfeitamente este ponto. Elevado a interesse intelectual fundamental, o conceito de paradigma – cunhado por Kuhn (2009) na literatura científica e continuamente reavivado pela comunidade científica – oferece um amplo campo conceptual de construção de um sentido particular que os cientistas fazem do mundo ou de um segmento do mundo.

Aliás, e na senda de Guba e Lincoln (1994), esta conceptualização encontra-se umbilicalmente ligada não só à opção metodológica escolhida pelo investigador, mas também ao quadro ontológico que enforma a sua visão do mundo e como vem a conhecer essa conspeção do mundo. A esta moldura metodológica, ontológica e epistemológica, Guba e Lincoln acrescentaram a dimensão axiológica, atribuindo desta forma um lugar aos valores que grifam questões éticas, estéticas ou de teor religioso e espiritual (Guba & Lincoln, 1994). Atentar a natureza e teor destes quatro elementos – bem como as respostas às perguntas por eles sugeridas – permite conjecturar todo um conjunto de pressupostos filosóficos, ontológicos, epistemológicos, e metodológicos que motivam as opções do investigador ao mesmo tempo que fornecem um quadro interpretativo norteador do processo de investigação, incluindo as estratégias, os métodos e a análise.

Edgar Morin (2008), enquanto observador atento das condições contemporâneas do conhecimento, oferece-nos uma orientação particularmente fértil. O seu pensamento sobre a complexidade — pleno de elaborações teóricas e conceptuais — admite leituras divergentes em sede de epistemologia e metodologia da investigação (Alhadeff-Jones, 2003, 2008). A fim de lidar com a complexidade e a natureza radical e ambígua da contemporaneidade, o pensamento complexo procura incrementar novas formas de investigação e da imaginação num pensamento multidimensional capaz de fazer emergir novas formas de imaginação criadora (Marta, 2016, 2025b; Morin & Kern, 1999).

Strauss e Corbin (2017), figuras fundadoras da grounded theory, chamam a atenção para a centralidade da sensibilidade teórica do investigador, entendida como o discernimento cultivado pelo percurso formativo, pessoal e académico, que lhe permite reconhecer no terreno os indícios analíticos relevantes e operar uma leitura conceptual fiel à complexidade do real. Sendo importante não desconsiderar a particular inquietação aos inconvenientes que a procura de inovação metodológica aporta, nomeadamente no que ao manusear das técnicas diz respeito, sempre poderemos contrapor que esta procura requer igualmente um processo mental imaginoso como sendo não só necessário como desejável enquanto contraponto às incapacidades do hábito. Em contraste com uma linha de pensamento metodológico baseado ora na rotina, ora no processo lógico e racional, na perspetiva de Montuori a atitude metodológica do investigador é situada "face à vida como um todo que envolve a habilidade de navegar entre hábitos e possibilidades num sentido contextualmente apropriado" (2006, p. 10), coincidindo com a assunção de Tulku (1987) de que as atitudes que adotamos "in carrying out our investigation shape the attributes we find in the world we investigate" (1987, p. 63-64). Montuori propõe que a nossa atenção enquanto investigadores se concentre sobre a pesquisa como um processo de exploração e navegação, onde a interconexão dos componentes transformativo, transpessoal, transdisciplinar e transcultural do processo de investigação criativa fomenta uma modalidade de pensamento e de ação impulsionadora da imaginação e da criatividade (Marta, 2025b; Montuori, 2006, 2013, 2024).

2.1 *Grounded Theory* e a Cultivação da Criatividade como Metodologia de Pesquisa

Apresentada pela primeira vez por Glaser e Strauss na obra *The Discovery of Grounded Theory* (1967) e mais tarde reformulada por Strauss e Corbin (1997, 2017), a *grounded theory* apresenta um fundamento intelectual para o uso da pesquisa qualitativa no desenvolvimento de análises teóricas. O desconforto concernente à dominação da ideologia positivista (Charmaz, 2014; Denzin & Lincoln, 2017) – esse *inverno de positivismo* conforme designado por McCracken (1988, p. 14) operado de forma a remeter a pesquisa qualitativa para um lugar e estatuto de subalternidade no quadro da pesquisa científica e cuja permeação marcou as ciências sociais na década de 1960 do século XX – viria a representar a alavanca à construção desta nova metodologia. Foi precisamente neste enquadramento que a publicação de Glaser e Strauss (1967) se afirmou como contraponto à hegemonia das construções dedutivas, propondo a teorização indutiva a partir do confronto sistemático com os dados empíricos como via de inscrição da pesquisa qualitativa no campo científico. A investigação qualitativa atende à necessidade emergente de um movimento inflexivo necessário não só para melhorar a qualidade da metodologia em si, mas igualmente para responder às críticas dos defensores da metodologia quantitativa. Trata-se de uma parte da posição de Glaser e Strauss que, complementarmente à “profundidade e riqueza da tradição interpretativista com a lógica, rigor e análise sistemática inerente à pesquisa quantitativa” (Walker & Myrick, 2006, p. 548), substantiva a *grounded theory* enquanto abordagem que favorece a inovação científica (Guillemette, 2006; Walker & Myrick, 2006) onde novas teorias estão, frequentemente, mais ou menos em ligação com as teorias já existentes; gerando teoria onde a escassez é notória ou prestando um cunho fresco à já existente (Dey, 1999; Goulding, 1998; Guillemette, 2006).

Construída a partir do material empírico e não anteposta a ele, a *grounded theory* exige que as categorias analíticas decorram dos próprios dados e se revelem relevantes para explicar o fenómeno em estudo. O peso atribuído à inovação neste quadro traduz-se em procedimentos metodológicos que podemos sintetizar — em diálogo com a sistematização de Guillemette (2006) — em três dimensões fundamentais:

- Pela postura de abertura epistemológica face ao terreno empírico: a *grounded theory* convida o investigador a colocar entre parênteses os referenciais teóricos prévios — num exercício deliberado de distanciamento conceptual face às teorias estabelecidas (Glaser, 1998) — e a dispensar a definição apriorística de uma problemática, delimitando apenas o fenómeno ou o cenário social que pretende compreender. O objecto de pesquisa permanece sob estatuto provisório até ao desfecho da investigação, num percurso não-linear em que o que se procura compreender se vai progressivamente clarificando.

- Pela circularidade de interação entre a recolha e a análise dos dados: a *grounded theory* opera num vai-e-vem constante entre recolha e análise, descrito por Glaser (2001) como espiral circular e por Grbich (2007) como espiral recursiva, em rutura com a lógica linear convencional.
- Pelos procedimentos de análise favorecendo a abertura à emergência: a postura de "escuta" dos dados (Strauss & Corbin, 1998) faz convergir as categorias com aquilo que os dados expressam, sustentada pelo método de comparação contínua (Glaser & Strauss, 1967).

Precisamente pelas novas dimensões que inaugura no seio da metodologia qualitativa, o debate em torno da *grounded theory* tem sido abundante e diverso. Autores como Chiovitti e Piran (2003), Luckerhoff e Guillemette (2011) e Charmaz e Thornberg (2020) sublinham a importância do rigor e qualidade na adoção da *grounded theory*. Também numa tentativa de restabelecer credibilidade a *grounded theory*, Jones e Noble (2007) recomendam que o investigador defina qual a versão que utiliza bem como os procedimentos que adota. Embora a versão de Strauss e Corbin seja vista como rígida por alguns, apoiamo-nos no rebate que os autores fazem ao afirmar que orientações e procedimentos sugeridos pela *grounded theory* foram concebidos pelos seus autores como um convite à inovação criativa (Strauss & Corbin, 1994).

2.2 Aquilo que Ouvimos: A Entrevista Semiestruturada

À semelhança de outras metodologias qualitativas, a entrevista semiestruturada mostra-se particularmente afeta quando um tópico é controverso ou pouco explorado, permitindo desenvolver um esquema analítico dos fenómenos em estudo (Creswell & Poth, 2024). Apreciando que as metodologias qualitativas primam por possibilitarem aos investigadores um conhecimento aprofundado e compreensivo acerca de um fenómeno, a entrevista surge como estratégia predominante de recolha de dados desta natureza (Creswell & Poth, 2024; Denzin & Lincoln, 2017). Com efeito, a pesquisa qualitativa tal como nos aparece formulada por Denzin e Lincoln (2017), ao explorar o entendimento subjetivo no quotidiano dos sujeitos remete-nos para expressão que a técnica de recolha de dados pode encontrar na enérgica flexibilidade da entrevista.

Deste ponto de vista, e na esteira da qualidade que se deseja num estudo qualitativo, a entrevista semiestruturada baseia-se no conhecimento, nas habilidades, na visão e integridade daquele que investiga, pelo que treino e experiência assumem-se como cruciais para este esforço. Esta apologia é igualmente subsidiada pela lógica da investigação criativa, onde, o papel de versado do investigador é reconhecido e, portanto, integrado (Montuori, 2006, 2013). Em justeza com o dito, alicerçar o questionamento numa atitude de não diretividade é de extrema importância, uma vez que permite reconhecer a importância do processo colaborativo inerente a esta técnica onde não só a entrevista, mas igualmente as circunstâncias onde esta ocorre e os dados que produz, são permeáveis e conexos entre si, sublinhando uma forma de pensar que conecta ao invés de separar (Gibbs, 2018; Montuori, 2006, 2013, 2024).

Do ponto de vista analítico, a *grounded theory* opera por via de uma codificação progressiva (Strauss & Corbin, 2017) que, no contexto da entrevista semiestruturada, beneficia de uma postura interpretativa atenta à riqueza expressiva do entrevistado. A circularidade entre recolha e análise — traço distintivo da *grounded theory* (Glaser, 2001) — permite ao investigador aprofundar progressivamente a leitura dos dados em diálogo com a sua emergência.

2.3 Aquilo que Não Ouvimos

A abertura sensível de Glaser (2001) ao papel da escuta ativa e da atenção interpretativa no exercício de pesquisa fundamenta a importância de privilegiar, de forma estratégica, um vasto espectro de possibilidades de comunicação não verbal na recolha e análise de dados.

São vários os motivos que podem legitimar o uso de métodos visuais na investigação qualitativa, nomeadamente o reconhecimento de que os dados e a teoria emergem de múltiplas fontes disponíveis no terreno e que a sua triangulação enriquece a análise (Lee, 2003). Não obstante a centralidade da voz do entrevistado, a dimensão não verbal da comunicação — gestual, postural, proxémica — encerra um potencial interpretativo que pode enriquecer significativamente a análise, ao revelar camadas de significado que o discurso verbal, por si só, não alcança (Buck & VanLear, 2002; Bull, 2001; Onwuegbuzie et al., 2010).

De entre as grandes contribuições nesta área, como as de Fontana e Frey (2005) ou Onwuegbuzie et al. (2010), a de Tsourvakas (1997) merece-nos particular atenção. O autor socorre-se do termo "methodology of multi-visual qualitative analysis" para se referir a uma abordagem metodológica recetiva à análise de fenómenos sociais que, sem deixar de seguir os princípios da pesquisa qualitativa, concentra-se na verificação simultânea de dados verbais e não verbais. Concebida originalmente para o estudo de programas televisivos, esta proposta socorre-se da noção de "trustworthy" de Lincoln e Guba (1985) que, em substituição da clássica noção positivista de validade interna, externa e objetividade, oferece quatro critérios — "credibility", "transferability", "dependability" e "confirmability" — adequando-se à análise interpretativa que o investigador qualitativo deseja desenvolver, considerando a complexidade da multidimensionalidade dos dados verbais e não verbais. Importa salientar a relevância destes critérios para a análise da comunicação não verbal, dada a natureza fluida e contextualmente dependente dos sinais não verbais, que requer uma metodologia capaz de captar a riqueza dos dados sem comprometer o rigor analítico (Tsourvakas, 1997).

Parte integrante dos movimentos expressivos enquanto sinais de comunicação não verbal, os gestos podem transmitir informação significativa, conforme nos mostra McNeill (1992), ao sublinhar que os gestos são influenciados por aspetos particulares do diálogo, como a visibilidade e o conhecimento partilhado. McNeill (1985) defende explicitamente que o gesto é, de facto, verbal e está ligado com o discurso de tal forma que as duas modalidades são parte da mesma estrutura psicológica. Na mesma linha, estudos no campo da geração de gestos identificaram quatro tipos gerados durante o discurso, três dos quais são considerados como tendo um significado num diálogo (Cassell et al., 1999; McNeill, 1992):

- i. Icónicos (*iconic gestures*): representam uma ideia concreta e podem indicar o ponto de vista narrativo, demonstrando onde o entrevistado se posiciona em diferentes momentos da narração.
- ii. Metafóricos (*metaphoric gestures*): também representacionais, mas o referente não tem forma física, sendo a ideia abstrata veiculada por metáforas comuns.
- iii. Deícticos (*deictic gestures*): espacializam ou localizam aspetos do discurso no espaço físico à frente do narrador. Preenchem o espaço entre quem fala e quem ouve com as entidades discursivas conforme são introduzidas e continuam a ser referidas. A evidência diz-se na primeira pessoa e na voz ativa, e serve-se de um aparelho pronominal, proposicional cuja função é deíctica.
- iv. *Beats gestures* ou ritmo do discurso: os batimentos variam e podem sinalizar que as informações transmitidas no discurso que acompanha não avançam em consonância com o enredo.

O esquema de classificação de gestos apresentado por McNeill (1992) sustenta que os gestos icónicos, metafóricos e deícticos carregam um significado promocional, enquanto ritmo ou batimentos têm uma função discursiva suficientemente flexível para permitir extrair o máximo de informação relevante dos conteúdos observados e analisados.

A classificação de McNeill (1992) centra-se no gesto manual, mas a leitura não verbal na entrevista não se esgota nos movimentos das mãos e braços. A expressão facial, incluindo micro-expressões e a direção do olhar, constitui um canal independente de acesso a estados afetivos e processos cognitivos não verbalizados (Ekman & Friesen, 1978; Richmond et al., 2003). Do mesmo modo, as dimensões paralinguísticas do discurso como a entoação, o ritmo, a velocidade e os silêncios, complementam e por vezes contradizem o conteúdo verbal, funcionando como dados analíticos em si mesmos (Buck & VanLear, 2002). A Tabela 1 integra estes dois canais adicionais como marcadores observáveis para a codificação.

A leitura analítica dos dados na *grounded theory* contempla, portanto, dois níveis de significado: o manifesto, que corresponde ao conteúdo explícito e literal da comunicação verbal; e o latente, que emerge da interpretação do investigador face aos padrões implícitos, às contradições entre o dito e o expresso não verbalmente, e aos silêncios ou hesitações. A integração de dados audiovisuais permite precisamente aceder a este segundo nível com maior rigor, ao tornar observável aquilo que, numa transcrição textual, permaneceria invisível. A título ilustrativo, a Tabela 1 apresenta um conjunto de marcadores não verbais organizados por tipo e canal, com exemplos de possível significado latente, demonstrando como cada categoria gestual pode revelar dimensões da experiência do entrevistado que o discurso verbal não captura por si só.

Tabela 1. Exemplos de marcadores não verbais

Tipo de gesto	Canal	Marcador observável	Relevância para a codificação <i>Grounded Theory</i>
Ícônico	Cinésico (movimento das mãos e braços)	Mãos simulam a forma ou o movimento do participante (ex.: abrir os braços ao falar de liberdade)	Dissonância entre gesto e palavra sinaliza categoria emergente latente: o corpo antecipa ou contradiz o discurso verbal, orientando a codificação aberta.
Deíctico	Cinésico (movimento das mãos e braços)	Apontar para objeto, direção ou espaço simbólico (ex.: apontar para o próprio peito ao falar de responsabilidade pessoal)	A espacialização de conceitos revela âncoras cognitivas e afetivas do participante, úteis para identificar contextos e condições na codificação axial.
Metafórico	Cinésico (movimento das mãos e braços)	Representação espacial de conceito abstrato (ex.: mão que sobe gradualmente ao descrever “evolução”)	Expõe a estrutura conceptual implícita do sujeito, base privilegiada para a identificação de categorias e relações entre categorias na codificação axial e seletiva.
Batimento (Beats)	Cinésico + prosódico (gesto rítmico sincronizado com ênfase vocal)	Movimento rítmico sincronizado com ênfase discursiva; aumento de velocidade ou volume	Marca saliência: identifica os conceitos que o entrevistado considera nucleares, orientando a escolha da categoria central na codificação seletiva.
Facial / Ocular	Facial e ocular (expressão, micro-expressões, direção do olhar)	Micro-expressões, olhar desviado, pausa reflexiva com olhar para cima	Acesso a estados afetivos e processos cognitivos não verbalizados; sinaliza temas de elevada carga emocional que merecem sondagem adicional.
Paralinguístico	Prosódico (entoação, ritmo, velocidade e silêncios)	Variações de entoação, velocidade, pausas, silêncios, voz embargada	Complementam e por vezes contradizem o conteúdo verbal; silêncios e hesitações são dados analíticos em si mesmos na lógica da <i>grounded theory</i> .

Fontes: Linhas 1–4: categorias adaptadas de McNeill (1992); linha 5 baseada em Ekman e Friesen (1978) e Richmond et al. (2003); linha 6 baseada em Buck & VanLear (2002). Os marcadores gestuais podem indicar significado latente dependendo do contexto interacional. Nota: A presente tabela tem fins ilustrativos e não constitui um instrumento operacional de codificação.

Conforme notam Onwuegbuzie et al. (2010), a utilização deste tipo de classificação pode mostrar-se bastante proveitosa para investigadores qualitativos procederem à recolha de dados de comunicação não verbal e à sua interpretação fundamentada na riqueza interativa entre falante e ouvinte (Grimshaw, 1982).

Tal estratégia compreende uma extensão da prática mais tradicional de gravação áudio das interações pelo recurso a equipamentos como a câmara de filmar com possibilidade de captação de imagem e som (DuFon, 2002), favorecendo a possibilidade de retorno do investigador a momentos específicos da interação, viabilizando a verificação de detalhes que poderiam passar despercebidos numa primeira observação. Tal procedimento, não isento de cuidados éticos relativos ao consentimento informado dos participantes, contribui para a triangulação dos dados, permitindo ao investigador articular dimensões verbais e não verbais e, por essa via, aprofundar a interpretação fenomenológica do contexto interacional em estudo.

Se considerarmos um contexto de entrevista face-a-face, onde se desenvolvem habilidades e competências para codificar, decodificar, emitir e interpretar dados de acordo com um significado contextualmente partilhado entre entrevistador e entrevistado, a interpretação — embora possa ser desempenhada de tal ou tal maneira — é interna à prática da análise qualitativa que se distingue por capturar o significado, a ênfase, e os temas da mensagem (Glaser & Strauss, 1967) e influi, também, no próprio objeto e contexto em estudo ao enfatizar diferenças e similitudes dentre e por entre as categorias. Assim, a recolha dos espécimes de dados — em articulação com a sua análise apoia-se no próprio processo indutivo, e procura concorrer para uma conceção do seu significado num contexto mais amplo, por forma a que possa ser ajustada no decorrer da análise crítica estimulada pelo método comparativo (Strauss & Corbin, 1998).

3. Considerações Finais

A preocupação em penetrar na intersubjetividade da realidade social como construção social dos atores sociais, nos construtos que fazem da realidade, no alcance entre as diferentes conceções e os significados que lhes atribuem, implica portanto mergulhar numa estratégia dualmente permeável e ajustável aos diferentes estádios do procedimento empírico, demonstrando que a opção metodológica aqui discutida privilegia uma abordagem intensiva que, criativamente, se coaduna com os pressupostos do método qualitativo (Marta, 2025a).

O contributo metodológico central consiste na ampliação da *grounded theory* através da sua articulação com o paradigma da complexidade e da integração sistemática de dados audiovisuais. Esta proposta amplia a *grounded theory* em três planos: epistemológico, ao reposicioná-la num quadro de pensamento complexo onde a criatividade é estruturante; analítico, ao propor uma matriz de marcadores não verbais (Tabela 1) como dimensão legítima dos dados qualitativos; e procedimental, ao potenciar a circularidade entre recolha e análise mediante a revisitação de gravações. Em termos de utilidade transferível, oferece a investigadores qualitativos um quadro operacional aplicável a abordagens fenomenológicas, etnográficas ou narrativas, no qual a integração multimodal reforça a profundidade interpretativa e a credibilidade dos estudos.

Importa, contudo, reconhecer as limitações inerentes à proposta aqui apresentada. Tratando-se de um ensaio de natureza teórica e metodológica, a convergência entre *grounded theory* e pensamento complexo é argumentada a partir da literatura existente, não tendo sido ainda testada empiricamente de forma sistemática. A operacionalização dos procedimentos sugeridos, em particular a integração da análise audiovisual e gestual nos diferentes momentos de codificação, exigirá estudos empíricos que permitam aferir a sua viabilidade prática e o impacto na qualidade e profundidade dos dados obtidos. A formação dos investigadores para a descodificação de comunicação não verbal constitui igualmente uma dimensão que merece desenvolvimento futuro, nomeadamente através da criação de protocolos e instrumentos específicos. Em termos de linhas de investigação futura, considera-se relevante explorar de que forma a convergência aqui proposta pode ser operacionalizada em diferentes contextos e áreas disciplinares, contribuindo para o alargamento e aprofundamento das metodologias qualitativas.

Aprovação Ética: Este artigo não envolveu investigação empírica com participantes humanos nem a recolha de dados sensíveis e, por conseguinte, não exigiu aprovação ética formal.

Consentimento Informado: Este trabalho não envolveu participantes humanos nem dados identificáveis; por conseguinte, a obtenção de consentimento informado não era aplicável.

Declaração de Conflitos de Interesse: A Autora declara não existir quaisquer conflitos de interesse relativamente à investigação, autoria e/ou publicação deste artigo. O material aqui apresentado não foi previamente publicado, no todo ou em parte. Informa-se, contudo, que se encontra em apreciação editorial, num periódico internacional, um artigo complementar da mesma autora, com objetivos, estrutura e contribuição distintos: o presente texto desenvolve a articulação filosófica entre o paradigma da complexidade e a *grounded theory*, enquanto o artigo em apreciação propõe um quadro operacional para a integração estratégica de métodos multimodais.

Uso de Inteligência Artificial (IA): A Autora declara que não foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial no apoio ao desenvolvimento conceptual, à elaboração da argumentação teórica ou à preparação deste artigo.

Financiamento: A Autora declara que não foi recebido qualquer financiamento para a realização da investigação, autoria ou publicação deste artigo.

4. Referências

Alhadeff-Jones, M. (2003, October). Rethinking transformative learning and the concept of “critical reflection” through the paradigm of complexity. 5th International Transformative Learning Conference: Transformative Learning in Action: Building Bridges Across Contexts and Disciplines, Teachers College, Columbia University, New York, NY, United States.

Alhadeff-Jones, M. (2008). Three generations of complexity theories: Nuances and ambiguities. *Educational Philosophy and Theory*, 40(1), 66–82. <https://doi.org/10.1111/j.1469-5812.2007.00411.x>

- Buck, R., & VanLear, A. (2002). Verbal and nonverbal communication: Distinguishing symbolic, spontaneous, and pseudo-spontaneous nonverbal behavior. *Journal of Communication*, 52(3), 522–541. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2002.tb02560.x>
- Bull, P. (2001). State of the art: Nonverbal communication. *The Psychologist*, 14, 644–647.
- Cassell, J., McNeill, D., & McCullough, K.-E. (1999). Speech–gesture mismatches: Evidence for one underlying representation of linguistic and nonlinguistic information. *Pragmatics & Cognition*, 7(1), 1–34. <https://doi.org/10.1075/pc.7.1.03cas>
- Charmaz, K. (2014). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis* (2nd ed.). SAGE Publications.
- Charmaz, K., & Thornberg, R. (2020). The pursuit of quality in grounded theory. *Qualitative Research in Psychology*, 18(3), 305–327. <https://doi.org/10.1080/14780887.2020.1780357>
- Chiovitti, R., & Piran, N. (2003). Rigour and grounded theory research. *Journal of Advanced Nursing*, 44(4), 427–435. <https://doi.org/10.1046/j.0309-2402.2003.02822.x>
- Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2024). *Qualitative inquiry & research design: Choosing among five approaches* (5th ed.). SAGE Publications.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (Eds.). (2017). *The SAGE handbook of qualitative research* (5th ed.). SAGE Publications.
- Dey, I. (1999). *Grounding grounded theory: Guidelines for qualitative inquiry*. Academic Press.
- DuFon, M. A. (2002). Video recording in ethnographic SLA research: Some issues of validity in data collection. *Language Learning & Technology*, 6(1), 40–59. <https://www.lltjournal.org/item/10125-25142/>
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1978). *Facial action coding system: A technique for the measurement of facial movement*. Consulting Psychologists Press.
- Fontana, A., & Frey, J. (2005). The interview: From neutral stance to political involvement. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research* (3rd ed., pp. 695–727). SAGE Publications.
- Gibbs, G. (2018). *Analyzing qualitative data*. SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781526441867>
- Glaser, B. (1998). *Doing grounded theory: Issues and discussions*. Sociology Press.
- Glaser, B. (2001). *The grounded theory perspective: Conceptualization contrasted with description*. Sociology Press.
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Aldine Transaction.
- Goulding, C. (1998). Grounded theory: The missing methodology on the interpretivist agenda. *Qualitative Marketing Research: An International Journal*, 1(1), 50–70. <https://doi.org/10.1108/13522759810197587>
- Grbich, C. (2007). *Qualitative data analysis: An introduction*. SAGE Publications.
- Grimshaw, A. D. (1982). Sound-image data records for research on social interaction: Some questions and answers. *Sociological Methods & Research*, 11(2), 121–144. <https://doi.org/10.1177/0049124182011002002>
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105–117). SAGE Publications.
- Guillemette, F. (2006). L’approche de la grounded theory: Pour innover? *Recherches Qualitatives*, 26(1), 32–50. <https://doi.org/10.7202/1085397ar>

- Jones, R., & Noble, G. (2007). Grounded theory and management research: A lack of integrity? *Qualitative Research in Organizations and Management*, 2, 84–103. <https://doi.org/10.1108/17465640710778502>
- Kuhn, T. (2009). *A estrutura das revoluções científicas*. Guerra e Paz.
- Lee, R. (2003). *Métodos não interferentes em pesquisa social*. Gradiva.
- Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. SAGE Publications.
- Luckerhoff, J., & Guillemette, F. (2011). The conflicts between grounded theory requirements and institutional requirements for scientific research. *The Qualitative Report*, 16(2), 396–414. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2011.1062>
- Marta, R. (2016). Investigação em serviço social: O futuro no presente. Reflexões em torno do processo de construção de conhecimento científico português. *Trabajo Social Global. Revista de Investigaciones en Intervención Social*, 6(10), 50–73. <https://doi.org/10.30827/tsg-gsw.v6i10.4084>
- Marta, R. (2025a). Poetic epistemological turbulence: Towards an interactive framework for social work knowledge construction. *Kybernetes*. <https://doi.org/10.1108/K-08-2025-2071>
- Marta, R. (2025b). Transdisciplinarity: Reimagining improvisation, creativity and complexity. *Social Sciences & Humanities Open*, 12, 101913. <https://doi.org/10.1016/j.ssaho.2025.101913>
- McCracken, G. (1988). *The long interview*. SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781412986229>
- McNeill, D. (1985). So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*, 92, 350–371. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.92.3.350>
- McNeill, D. (1992). *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. University of Chicago Press.
- Montuori, A. (2006). The quest for a new education: From oppositional identities to creative inquiry. *ReVision*, 28(3), 4–20.
- Montuori, A. (2013). Complexity and transdisciplinarity: Reflections on theory and practice. *World Futures*, 69(4–6), 200–230. <https://doi.org/10.1080/02604027.2013.803349>
- Montuori, A. (2024). Complexity and creativity. In J. Kociatkiewicz & M. Kostera (Eds.), *How to do social science that matters* (pp. 124–139). Edward Elgar Publishing. <https://doi.org/10.4337/9781035314546.00018>
- Morin, E. (2008). *On complexity*. Hampton Press.
- Morin, E., & Kern, A. B. (1999). *Homeland Earth: A manifesto for the new millennium*. Hampton Press.
- Onwuegbuzie, A., Leech, N., & Collins, K. (2010). Innovative data collection strategies in qualitative research. *The Qualitative Report*, 15(3), 696–726. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2010.1171>
- Richmond, V. P., McCroskey, J. C., & Johnson, A. D. (2003). Development of the Nonverbal Immediacy Scale (NIS): Measures of self- and other-perceived nonverbal immediacy. *Communication Quarterly*, 51(4), 504–517. <https://doi.org/10.1080/01463370309370170>
- Strauss, A., & Corbin, J. (1994). Grounded theory methodology. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 273–285). SAGE Publications.
- Strauss, A., & Corbin, J. (Eds.). (1997). *Grounded theory in practice*. SAGE Publications.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory* (2nd ed.). SAGE Publications.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2017). Grounded theory methodology: An overview. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research* (5th ed., pp. 273–285). SAGE Publications.

Tsourvakas, G. (1997). Multi-visual qualitative method: Observing social groups in mass media. *The Qualitative Report*, 3(3), 1–18. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/1997.2018>

Tulku, T. (1987). *Love of knowledge*. Dharma

Walker, D., & Myrick, F. (2006). Grounded theory: An exploration of process and procedure. *Qualitative Health Research*, 16(4), 547–559. <https://doi.org/10.1177/1049732305285972>

Raquel Marta

College of Humanities and Social Sciences,
United Arab Emirates University (UAEU),
Al Ain, United Arab Emirates
 <https://orcid.org/0000-0003-4011-4021>
✉ Raquel.marta@uaeu.ac.ae